



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**MAESTRO CHIQUITO:  
O METALÚRGICO DOS SONS**

**ADEILDO VIEIRA DOS SANTOS**

**JOÃO PESSOA–PB**

**ABRIL/2016**

**ADEILDO VIEIRA DOS SANTOS**

**MAESTRO CHIQUITO:  
O METALÚRGICO DOS SONS**

Relatório e livro-reportagem que representam o produto final do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, com fins de obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Hildeberto Barbosa Filho

**JOÃO PESSOA – PB**

**ABRIL/2016**

**ADEILDO VIEIRA DOS SANTOS**

**MAESTRO CHIQUITO:  
O METALÚRGICO DOS SONS**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Hildeberto Barbosa Filho (Orientador)

---

Profa. Dra. Joana Belarmino de Sousa (Examinadora interna)

---

Prof. Dr. Edônio Alves do Nascimento (Examinador externo)

## SUMÁRIO

1 RESUMO.....	5
2 INTRODUÇÃO.....	6
3 BREVE HISTÓRICO DO PROJETO DE PESQUISA.....	7
4 POR QUE LIVRO-REPORTAGEM?.....	8
4.1 Um breve histórico.....	8
4.2 Uma inspiração literária.....	10
4.3 Um enfoque cultural.....	12
4.4 Um caminho biográfico.....	14
4.5 Um mergulho no espelho mágico.....	16
5 INSTRUMENTOS DE COLETA.....	18
5.1 Nos caminhos da entrevista.....	18
5.2 Na busca de outras revelações.....	20
6 APLICANDO OS MÉTODOS.....	22
6.1 A coleta de dados.....	22
6.2 Quem conta essa história?.....	23
6.3 As escolhas.....	25
6.4 Os entrevistados.....	26
6.4.1 Os amigos de infância e outros moradores de Santa Luzia.....	26
6.4.2 Os familiares do maestro.....	27
6.4.3 Músicos que conviveram com o maestro.....	28
6.4.4 Outros personagens que ajudaram a contar a história da cidade de Santa Luzia.....	29
7 O PRODUTO.....	30
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	36

*A idéia era dar a descrição objetiva completa, e um algo mais que os leitores sempre tiveram de buscar nos romances e contos, ou seja, a vida subjetiva ou emocional dos personagens.*

**Tom Wolfe**

## **1 RESUMO**

Este relatório tem o objetivo de apresentar quais os recursos teóricos e metodológicos utilizados para o meu trabalho final do mestrado no Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Sendo este um mestrado de caráter profissional, o produto final é um livro-reportagem sobre o músico, compositor, produtor musical e arranjador paraibano Francisco Fernandes Filho, conhecido no meio profissional como Maestro Chiquito. As referências teóricas aqui apresentadas justificam os caminhos definidos pelo pesquisador, dos métodos e instrumentos utilizados para coleta de dados, além da escolha do personagem a ser perfilado e dos demais entrevistados que, como fontes orais de fatos históricos, proporcionaram a condução da linha narrativa do livro-reportagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro-Reportagem. Relatório. Métodos de pesquisa. Maestro Chiquito.

### **ABSTRACT:**

This report aims to present the theoretical and methodological resources used for my final master's degree in the Post-Graduate Program in Journalism at the Universidade Federal da Paraíba. Being a professional master's degree, the final product is a book-report on the musician, composer, musical producer and arranger from Paraíba, Francisco Fernandes Filho, known in professional circles as Maestro Chiquito. The theoretical references presented here justify the paths defined by the researcher, the methods and instruments used for data collection, as well as the choice of the character to be profiled and the other interviewees who, as oral sources of historical facts, provided the narrative Book-report.

**KEY WORDS:** Book-Reportage. Report. Research methods. Maestro Chiquito.

## 2 INTRODUÇÃO

O produto final deste mestrado profissional em Jornalismo é um livro-reportagem sobre o músico, compositor, produtor musical e arranjador paraibano Francisco Fernandes Filho, conhecido no meio profissional como Maestro Chiquito. Nascido em Santa Luzia, cidade do Cariri paraibano, a 270 Km da capital, Francisco Fernandes Filho tem uma rica história de vida que o tornou um dos mais importantes formadores de músicos do estado da Paraíba. Foi na Metalúrgica Filipéia, *big band* fundada por ele no ano de 1984, em João Pessoa, que pôde dar sequência aos desejos de exercitar seu poder criativo e repassar conhecimentos, realidade vivida por Chiquito desde sua infância, no cenário daquela cidade que respirava música a partir de seus longevos equipamentos culturais e da rica manifestação da cultura popular, que ocorre em toda a região.

Este produto tem caráter biográfico, mas não é uma biografia. Trata-se de um perfil em profundidade, cujo objetivo é promover um recorte da história do maestro, exaltando apenas o traçado histórico que o tornou um músico capaz de agregar pessoas, promover processos de fruição artística e formar músicos que hoje, espalhados pelo Brasil, carregam um pouco desse personagem dentro de si.

Para traçar esse perfil, foram ouvidos, além do próprio maestro, personagens de cunho familiar, afetivo e profissional. Também foram coletados documentos que permitiram prospectar a sua história. O resultado pretendido neste livro-reportagem é dar ao leitor a possibilidade de conhecer essa personalidade artístico-cultural paraibana a partir de sua história de vida e, por este viés, passar a entender melhor a grandeza cultural do estado da Paraíba a partir de personagens de grande envergadura artística, muitas vezes esquecidas pelo jornalismo cultural paraibano.

### **3 BREVE HISTÓRICO DO PROJETO DE PESQUISA**

Faz-se importante o esclarecimento sobre algumas questões que fizeram com que houvesse mudanças na natureza do trabalho final deste projeto de mestrado. Tais mudanças se justificam pela minha adequação à própria dinâmica do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) em que estou inserido, assim como ajustes às minhas ideias no desenvolvimento das atividades do curso, sem, entretanto, perder o foco e a natureza do resultado proposto.

A ideia inicial seria a produção de três programas pilotos, em vídeo, cada um deles com um artista paraibano, o que sugeria a criação de uma série de programas televisivos capazes de divulgar a cena musical da Paraíba em canais abertos ou fechados das redes de TV, públicas ou privadas, em atividade no nosso estado. A orientação acadêmica para esse trabalho foi sugerida ao professor Carlos Azevedo e aceita prontamente por ambas as partes (orientador/aluno), o que, mais à frente, tornou-se inviável devido à saída deste professor do PPJ.

De pronto, a coordenação do Programa fez a indicação do professor Hildeberto Barbosa Filho para substituí-lo na orientação, o que não alterou o foco do trabalho, mas provocou a mudança da natureza do produto. Por se tratar de um professor que não tem inserção no meio audiovisual, e, sim, das letras, decidimos mudar o trabalho final para a produção de um livro-reportagem. Assim sendo, esta mudança mantém o propósito básico do projeto, que é a feitura de um produto jornalístico que venha divulgar a cena artística paraibana, só que agora se apropria dos preceitos dos jornalismo literário e cultural, em meio impresso, adensando-se em um resultado biográfico capaz de seduzir público e produtores de cultura na Paraíba.

Na perspectiva de produzir um produto que exalte a história de um artista para a cena musical da Paraíba, foi escolhido o músico, arranjador e produtor cultural Francisco Fernandes Filho, conhecido no meio artístico como Maestro Chiquito. Há muito que o maestro tem dado grande contribuição na formação de músicos paraibanos, a partir dos equipamentos culturais nos quais esteve à frente, sem, entretanto, gozar do devido reconhecimento por parte da imprensa local ou de instituições de cultura.

## 4 POR QUE LIVRO-REPORTAGEM?

### 4.1 *Um breve histórico*

O jornalismo impresso praticado no cotidiano das empresas de comunicação se tornou refém da velocidade da informação propagada pelos meios eletrônicos. Até mesmo a sua característica de aprofundar detalhes dos fatos já divulgados pelas ondas do rádio, da TV ou da internet já não se cumpre mais, percebendo-se, na maioria dos casos, apenas a reprodução das informações textuais aliadas a recursos iconográficos que jamais superarão o poder de sedução ou de detalhamento factual característicos dos meios eletrônicos.

Além disso, o modelo industrial da notícia, praticado nos ambientes de redação, transforma o jornalista em operário de um modo de produção fordista, limitado a transcrever fatos coletados sem profundidade, abrigado ainda em espaços de trabalho que não lhe dão a ambiência física ou psicológica que permita o uso pleno da criatividade ou mesmo o exercício de sua capacidade crítica e investigativa para esmiuçar detalhes dos acontecimentos, o que resultaria em um adensamento na qualidade da informação. Sobre essa realidade do jornalismo impresso, afirma Belo (2006, p. 140):

A mídia impressa brasileira – em especial os jornais – há muito vem penando numa competição desigual com outros meios de comunicação. Pretende concorrer com a televisão, o rádio e a internet. As redações continuam trabalhando como se os jornais fossem o principal fornecedor de informações ao público, a exemplo do que acontecia até o advento do rádio e a massificação da TV. Os veículos impressos perderam esse status há muito, mas nem todos se deram conta.

Na verdade, é justamente esse modelo industrial de produção de notícias que historicamente obrigou os jornalistas a se afastarem de sua vocação investigativa e literária, levando-os à condição de meros contadores de histórias rasas, sem condições de traduzi-las com cor e sabor para o deleite do leitor. Assim sendo, o gênero reportagem no jornalismo impresso sofreu, com o passar dos anos, forte desvalorização por não acompanhar a onda do imediatismo ou mesmo da banalização dos fatos divulgados pelos meios eletrônicos.

Esse fenômeno não se dá por falta de qualificação do profissional jornalista, mas por este não encontrar mais condições de competir com a linguagem audiovisual dos meios concorrentes no trato com a informação. Sendo assim, faz-se árido o terreno para a prática de um jornalismo investigativo no meio impresso, capaz de aprofundar os fatos e prestar relevantes serviços à sociedade. Boas histórias deixam de ser contadas, personagens

emblemáticos permanecem em seu habitual ostracismo e esclarecimentos substanciais dos fatos não acontecem por falta de mergulho na apuração.

Mas a vocação que caracteriza a boa prática jornalística, ainda que atacada por esse modo de produção industrial no trato com a informação, acaba por inquietar profissionais que se ressentem de não exercitar a essência de sua profissão, calcada na prática investigativa. Ademais, muitos jornalistas do meio impresso vivem a carência de desaguarem a sua verve literária, represada pela formatação técnica do texto jornalístico, atendendo aos manuais de redação das empresas.

Essa realidade, que poda a criatividade e amordaça o escritor que mora no sótão da cabeça do jornalista, acaba levando-o para uma perene busca de alternativas que façam com que escoe a sua inquietação. E essa alternativa se converte no lançamento cada vez mais frequente de livros-reportagem, o que, aliás, tem tido relativo sucesso no mercado editorial no mundo inteiro, eventualmente também no Brasil.

[...] a cobertura da imprensa, de modo geral – do noticiário local à política, do esporte à economia – tem se tornado cada vez mais burocrática e superficial, obrigando os profissionais interessados a procurar caminhos alternativos. (BELO, 2006, p.14)

Quando resolve produzir um livro-reportagem, o autor estabelece um jogo implícito com o seu futuro leitor. Abrem-se, a partir de então, canais de identificação por meios simbólicos que são estabelecidos pelo escritor na busca de captar a atenção de quem mergulhará na leitura de sua obra, resultando em envolvimento emocional e intelectual. Esse pacto, já previamente estabelecido pelo autor da obra, dá-se pelo simples fato de que a escolha do tema carrega, em si, elementos simbólicos presentes no inconsciente coletivo, o que naturalmente resulta em interesses individuais.

No dinâmico processo de comunicação, nenhum dos seus agentes passa impune, uma vez que o contato com o amplo universo das informações ativa, em cada pessoa, um vasto repertório de valores, além de vivências intelectuais e emocionais que, confrontadas com a realidade factual apresentada, resultam em um leque de interpretações, reações e variados níveis de interesse. Assim se dá quando um determinado leitor entra em contato com uma obra literária, cujo teor afeta sua complexa rede de sentidos e emoções, levando-o ou à apatia ou a um mergulho tão mais profundo quanto maior for o espelho em que se vê refletido, considerada sua paleta de valores. Essa rica relação ente autor, obra e leitor é assim compreendida por Lima (1995, p. 110):

O livro-reportagem, enquanto produto de comunicação de massa, só consegue atrair na medida em que propõe ao leitor uma viagem aos valores, às realidades de outros

seres e de outras circunstâncias, de modo que encontre, naqueles, traços que são universais à humanidade enquanto espécie. Isto é, o livro-reportagem sugere que o indivíduo se estenda, percebendo desdobramentos de aspectos do seu universo particular transmutado no universo coletivo. É também uma proposta de auto-descoberta do Eu naquilo que tem de porção coletiva do Nós.

O exercício da perspicácia jornalística do autor na construção de um livro-reportagem talvez venha a ser o que mais o seduz. É atirar-se em uma busca profunda, calcada em pesquisas sobre temas que lhe aguçam o senso jornalístico, ao mesmo tempo em que encontra, na sua verve literária, a melhor forma de alcançar o envolvimento do leitor. É perseguir em um Eu coletivo a forma de agitar a identidade de cada um, colhendo, de fatos históricos, a matéria-prima para a construção de novas consciências a partir de descobertas individuais. Esta é, com certeza, uma proeza jamais alcançável nas redações dos jornais no exercício das rotinas industriais do jornalismo.

#### ***4.2 Uma inspiração literária***

A imprensa sempre viveu em flerte com a literatura. Basta fazermos uma breve investigação histórica e veremos que grandes escritores do universo literário do mundo, e, particularmente, do Brasil, tiveram sua prática estimulada pelo ofício de jornalista. Guardados os níveis de aprofundamento na narração de fatos e da natureza das informações, da *Carta de Pero Vaz de Caminha* a *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, vê-se a força descritiva e analítica dos fatos mergulhada em farta inspiração literária, resultando em registros de grande conteúdo histórico, sociológico, geográfico e, claro, jornalístico, se considerarmos o primeiro exemplo como algo além da mera emissão de notícias do informante português para a Coroa. No Brasil, são inúmeros os exemplos de profissionais da imprensa que se notabilizaram como escritores, prestando relevantes serviços à cena literária brasileira e à sociedade. Estes, se dependessem de suas relações de trabalho em empresas jornalísticas, jamais teriam certos fatos históricos tão bem relatados com profundidade e sabor na leitura.

Na verdade, o exercício literário, sobretudo na opção de produzir um livro-reportagem, traz muito mais do que o deleite de desamarrar o escritor dentro da alma do profissional do jornalismo impresso. Essa prática culmina com a potencialização dos recursos que preconizam uma boa prática jornalística, contribuindo para ultrapassar os limites dos acontecimentos do cotidiano e ampliar visões da realidade, trazendo um bom exercício da cidadania fora das amarras que prendem o jornalista às estruturas burocráticas do famigerado

*lead*. Sobre essa condição da prática do jornalismo literário, Pena (2006) desenvolve a analogia de uma estrela de sete pontas, onde, de forma didática, enumera sete itens imprescindíveis que caracterizam a prática desse gênero jornalístico. São eles:

- 1 – [...] O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é de tal maneira que acaba construindo novas estratégias profissionais.
- 2 – [...] o jornalista rompe com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade.
- 3 – [...] A preocupação do Jornalismo Literário é contextualizar a informação de forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal.
- 4 – [...] é preciso exercer a cidadania. Um conceito tão gasto que parece esquecido. [...] Mas você não pode ignorá-lo. É seu dever, seu compromisso com a sociedade.
- 5 – [...] o jornalismo literário rompe com as correntes do *lead*. [...] É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa.
- 6 – [...] evitar os famosos entrevistados de plantão. São as fontes oficiais: governadores, ministros, advogados psicólogos, etc. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados.
- 7 – [...] a perenidade. Uma obra feita nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. (PENA, 2006, p. 13-15).

Essa “estrela de sete pontas”, devidamente apresentada por Pena, deixa bem claras as características do Jornalismo Literário, fazendo com que jornalistas optem por esse gênero e assim partam para a produção de livros-reportagem, adensando sua prática jornalística pelo viés de seu tino literário, assinando o produto final como uma obra de autor. Como resultado disso, temos, hoje, importantes obras que aliam jornalismo e inspiração literária, como é o caso do célebre livro *A Sangue Frio*, do jornalista americano Truman Capote, classificado como romance de não ficção, dentro do *New Journalism*, movimento jornalístico que exalta o jornalismo literário e que ganhou adeptos nos anos 60, nos Estados Unidos, tendo como um de seus precursores o jornalista e escritor Tom Wolfe.

No Brasil, são muitas as obras do gênero livro-reportagem que atualmente movimentam o mercado editorial nacional, sobretudo no campo da biografia e da narração de períodos históricos. Como destaque, podem ser citadas obras como *Chatô: O Rei do Brasil*, de Fernando Morais, *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella, e os livros da série *As Ilusões Armadas*, do jornalista Elio Gaspari, que cobre o período da Ditadura Militar no Brasil. Todas trazem grandes contribuições na investigação histórica do país e dão grandes lições de jornalismo e literatura.

Em última instância, é importante identificar as relações fronteiriças entre a literatura e o jornalismo, considerando o limiar de suas especificidades no campo da linguagem, sobretudo no que tange ao produto impresso. Sobre isso, diz Nascimento (2006, p. 78-79):

Talvez seja justamente do ponto de vista das funções que o jornalismo mais se diferencia da literatura. Tendo como função essencial informar, o que o liga diretamente à função comunicativa da linguagem, o jornalismo parece estar mais afeito ao campo da técnica (modalidade instrumental de relacionamento do homem com a realidade) do que ao campo da arte sem que, no entanto, esteja totalmente desligado deste. [...] A literatura não. Sua função precípua é a comunicação estética, a criação de realidades estéticas (sejam reais ou fictícias) para a fruição dos leitores.

A aventura de amalgamar o uso da técnica com o mergulho na estética e a apropriação do factível com a ambientação do mundo ficcional é um exercício ao mesmo tempo rico e instigador. Essa alquimia, entretanto, ainda que resulte em um produto de absoluto deleite para o leitor, corre o risco de sacrificar traços do real em detrimento do universo imaginário absolutamente idiossincrático de quem escreve. Faz-se tênue a linha que separa essas duas expressões que sempre viveram em permanente diálogo e fluente permeação, uma vez que têm seguramente em comum o trânsito com a subjetividade das palavras. Mas, no afã de contar a sua história e tendo a plasticidade e a força semiótica das palavras em seu favor, é possível, ou melhor, indispensável que o jornalista transite na faixa que intercepta a técnica e a estética, em pleno exercício de linguagens no deleite de sua escrita.

#### ***4.3 Um enfoque cultural***

Muitos são os caminhos para a realização de um produto nos moldes do jornalismo literário. Como já discutido acima, sua produção pode se dar através de relato aprofundado de fatos históricos, de eventos do cotidiano que mereçam um olhar mais atento como paradigma de uma situação social, ou mesmo com publicações de perfis e biografias de personagens que mereçam registro histórico. Neste último caso, é comum a produção de livros-reportagem sobre vultos históricos de reconhecida notoriedade pelos meios midiáticos ou institucionais. Entre esses, estão artistas consagrados, políticos de grande influência no cenário nacional, empresários de sucesso ou outros personagens nos campos religioso, esportivo ou cultural que tenham se destacado em meio público.

Esse é o caminho comum para se contar uma grande história que venha atender a um público sedento de informações sobre seus ídolos, quer seja por curiosidade histórica, quer seja por interesses que atendam a seu universo psicológico. É comum o cidadão se espelhar na

vida de seus ídolos. E é justamente por esse viés de interesse que o mercado editorial se norteia para movimentar seu caixa, dando oxigênio a quem se debruce sobre esse gênero jornalístico como atividade profissional.

Não menos importante, mas navegando na contramão dos interesses econômicos das editoras, estão as produções jornalísticas que buscam enlevar a vida e a obra de personagens que dão ou deram grande contribuição para a história, como se atuassem nos bastidores dela. No caso de artistas, trata-se de grandes criadores ou produtores de cultura que têm importante contribuição para a cena artística de seu estado ou mesmo do país, mas que jamais ocuparam o espaço das grandes mídias, por não atenderem a interesses mercantilistas da cadeia produtiva da cultura em seus moldes industriais. São, muitas vezes, produtores de expressões indelévels que, eventualmente, até influenciaram nomes que ganharam notoriedade no mercado, mas que permanecem no mais absoluto ostracismo. Esses são merecedores dos holofotes jornalísticos que os arranquem da escuridão, revelando sua vida, seu trabalho e sua importância histórica para a população em geral.

Faz-se importante, portanto, que personagens culturais relevantes, colocados como “cidadãos comuns”, sejam percebidos como figuras emblemáticas em seu meio, elevando sua autoestima a partir do reconhecimento de seus pares. Para isso, é preciso que o jornalista desça do pedestal de sua postura *cult* para entender a importância do ser humano em sua vida social. Sobre isso, considera Piza (2003, p. 45):

O jornalismo, que faz parte dessa história de ampliação do acesso a produtos culturais, desprovidos de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos ideológicos, sem parcialidade política. Por outro lado, como a função jornalística é selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar), influir sobre critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos pra sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe.

Como diz Piza (2003), compete ao mercado jornalístico a propagação dos produtos culturais sem preconceitos ideológicos ou políticos, sem se eximir, entretanto, da responsabilidade de agregar conceitos e informações que venham contribuir para a formação do senso crítico de seus leitores. Desta forma, faz-se necessário contar as histórias que os meios oficiais não contaram, atacando preconceitos no ato de valorizar personagens pela sua essência moral e contribuição histórica, em vez de se optar pelo caminho mais fácil, calcado em sua mera repercussão midiática.

A escolha do personagem para a realização do livro-reportagem aqui proposto atende aos requisitos culturais mais caros para a cena musical da Paraíba, por se tratar de um artista cuja rica história de vida e de trabalho ainda se faz desconhecida do público leitor do estado.

#### ***4.4 Um caminho biográfico***

São muitas as opções de que um jornalista pode lançar mão para contar uma boa história e assim dar esse mergulho investigativo que as rotinas industriais do jornalismo lhe impedem de exercitar. Livre de pautas, prazos e amarras editoriais, é possível ativar as vias do prazer, exercendo sua verve literária pelo viés das práticas jornalísticas mais importantes, quais sejam: investigação, compromisso social e contribuição histórica que venha resultar em avanço da cidadania.

Assim sendo, tem ainda o jornalista a oportunidade de fazer suas opções, escolhendo o tema de seu trabalho, o que pode resultar em relatos históricos, análises factuais ou biografias de personagens que, a seu ver, mereçam ter suas históricas contadas e eternizadas em livro. Desta forma, essa escolha e esse debruçamento sobre o tema se dão naturalmente, atendendo a uma empatia do jornalista em relação ao universo com o qual se identifica, ou seja, é natural que um repórter policial transforme em livro a história polêmica de um crime, assim como será comum um praticante do jornalismo cultural escrever um livro biográfico sobre determinado artista cuja vida e obra lhe pareçam relevantes. Sobre este tema, Vilas Boas (2003, p. 13) afirma que é “Impossível que as experiências pessoais de um repórter não se confundam com a temática que estiver trabalhando. A pretensão à objetividade é uma fixação (ou seria um falso problema?) difícil de erradicar no cotidiano do jornalismo profissional”.

No caso deste trabalho, a escolha do Maestro Chiquito se dá por um envolvimento do pesquisador com o personagem, não necessariamente pela força do afeto e da amizade, mas pelo reconhecimento de uma obra de relativa longevidade e sua contribuição para a formação da cena cultural paraibana, tema, aliás, amplamente estudado no cotidiano deste pesquisador, que funde seu olhar jornalístico com sua igualmente longeva militância cultural.

Ainda que seja recomendado um distanciamento no que tange ao universo pesquisado, na busca de garantir isenção nos relatos biográficos, é seguro afirmar que não se faz necessário prescindir do envolvimento emocional sobre o trabalho. Aliás, são os ingredientes

da emoção que darão as cores e os sabores para manipulação na alquimia literária do biógrafo. Sobre isso, afirma ainda Sérgio Vilas Boas (2003, p. 13-14):

Os processos de criação são multidimensionais. Neles, combinam-se memórias, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral. A narrativa de um perfil não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagens conhecidos, além de recursos literários e outros. Mas ela também está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir.

A função social de um livro biográfico está, em primeira mão, no eco psicológico que a história de vida do personagem poderá provocar na vida do leitor. Como um espelho dos mundos de dentro, esse produto literário abre imagens nas quais o leitor se vê a partir de sua empatia com o contexto histórico, cultural e social do biografado. Ao biógrafo cabe ativar seu tino jornalístico nesse mergulho em que também se vê, adensando os conteúdos das informações e promovendo conceitos que se tornarão paradigmas no meio social do leitor.

Convém, entretanto, ressaltar que esse paradigma pode se dar de forma inversa, ou seja, nem sempre o personagem biografado é digno de admiração, o que não quer dizer que não seja relevante a sua história de vida. Desta forma, seu exemplo será observado pelo viés de antagonismos morais, que, no traçado da reportagem, ganha força conceitual, aguçando a visão crítica do leitor através de criteriosos relatos. Assim como pela existência dos heróis, a história da humanidade também pode ser contada pelo (mau) exemplo dos vilões. Na verdade, o que está em jogo é o conteúdo relevante da história e não necessariamente a grandeza moral do personagem. Nenhum jornalista de bom senso desprezaria a história de vida do assaltante britânico Ronald Biggs, um dos protagonistas do famoso “assalto ao trem pagador”, ocorrido em 1963, no transporte que levava depósitos bancários da Escócia para Londres. Ainda que a atitude desse personagem esteja longe de ser um bom exemplo moral, nenhum jornalista se constrangeria em contar a história daquele que ficou conhecido como o “ladrão do século 20”. Sobre a decisão para a escolha do tema, Kaufmann (2013, p. 59) afirma:

O trabalho de investigação começa pela escolha de um tema. Todos os temas são possíveis. Qualquer aspecto da sociedade, seja banal, insignificante, estranho, místico ou politizado, pode dar lugar a uma investigação: um tema aparentemente ruim pode levar a uma boa pesquisa. Mas existem temas melhores que outros. Há, portanto, todo interesse que se reflita bem no ponto de partida. O tema ideal é claro e motivador. O pesquisador sabe onde pode chegar e tem vontade de seguir esse caminho, porque ele tem a intuição de que nele possa haver muito material a ser descoberto.

No mergulho sobre a história de vida a ser contada, o jornalista vê ainda seu trabalho permeado por um cruzamento de ramos científicos das ciências sociais, o que faz de

sua atividade uma prática multidisciplinar, com a qual terá que saber lidar para atingir seus objetivos, ao contar uma história de vida. Nesse sentido, Vilas Boas (2003, p. 16-17) diz:

Há ainda uma expressão mais abrangente e aberta, nascida no contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais (sociologia, antropologia, história, psicologia): Histórias de vida. Essa modalidade dá atenção total ou parcial às narrativas sobre as vidas de indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea. Na sua versão mais abreviada, a história de vida examina episódios específicos da trajetória do protagonista.

Envolvido que está o autor deste trabalho no universo cultural da Paraíba, torna-se mais que justificável a escolha por um produto jornalístico biográfico que coloque em evidência o personagem escolhido. É seguro afirmar que a história de vida do Maestro Chiquito, contada em seus meandros profissionais, sociais, culturais, educacionais e até domésticos e familiares, trará grande contribuição para quem queira melhor conhecer a cena cultural paraibana. Enfim, pretende-se produzir um produto para o deleite de artistas, historiadores, produtores de cultura, sem, entretanto, desprezar o interesse daquele cidadão que deseje conhecer uma bela história de vida que, com certeza, irá contribuir para compreender melhor as ebulições culturais da Paraíba de hoje.

#### ***4.5 Um mergulho no espelho mágico***

É inútil tentar compreender um indivíduo apenas como um ser singular, dotado de características arraigadas e traços psicológicos inatos, pois jamais podemos traçar o seu perfil desconsiderando sua realidade social, econômica, política e cultural. Não é possível recortar sua história das páginas de um cotidiano coletivo, onde criou relações emocionais com seus pares e protagonizou movimentos para sua sobrevivência e para outras tantas realizações subjetivas.

Assim sendo, analisar um indivíduo por um olhar antropológico é também avançar no sentido de compreender o seu meio econômico, cultural, político. O ser social carrega a vida dos outros dentro de si. Os castelos de sonhos, onde abriga todos os seus projetos de existir, foram, e continuam sendo, construídos por relações de afetos e desafetos estabelecidas no seu cotidiano. Essas edificações subjetivas não são monolíticas, mas construções complexas que têm suas estruturas, da fundação ao teto, desenhadas e montadas tendo como matéria-prima as histórias de todos que compartilham consigo o mesmo cenário de viver. Investigar a vida de alguém acaba resultando na compreensão do meio onde esse alguém viveu e vive.

Mergulhar na história de um personagem, como o que está proposto neste projeto de mestrado, é ter a rica oportunidade de investigar suas ligações pretéritas com o seu povo, remontando cenas indeléveis que se mantêm na tela de sua memória, assim como na de pessoas com quem estabeleceu relações que lhe proporcionaram a construção de sua personalidade. Para narrar essas cenas, é preciso vencer limites geográficos e emocionais, visitando sua cidade natal, escolas onde estudou e outros lugares onde exercitou seus movimentos. Também é imprescindível conversar com seus familiares, amigos de infância, profissionais com quem traçou sua postura diante de sua profissão, além de professores e outros tantos personagens que moldaram seus traços culturais e sedimentaram a postura pedagógica que o fez formar tantos músicos na cena cultural paraibana.

Contar uma história em gênero biográfico, no caso deste trabalho, é uma escolha que proporciona ao pesquisador um exercício pleno de literatura, que dá asas a uma construção ao mesmo tempo artística e jornalística, a partir de um personagem criteriosamente pinçado de um universo cultural onde o próprio biógrafo trafega e milita. Melhor ainda é perceber-se autor de uma obra literária que permite a manipulação de empatias e projeções psicológicas de si mesmo, onde o protagonista de uma história real aquece discussões importantes sobre os conflitos de uma realidade cultural que o move como criador e criatura. Na realização de um trabalho com este formato, deleita-se o pesquisador com a possibilidade de ver aflorada sua natureza de jornalista sem prescindir de sua irrefutável condição de artista. Sobre isso, afirma Vilas Boas (2003, p. 18):

O protagonismo é um ímpeto eminentemente artístico. A arte sempre procurou tratar o personagem como exemplar para o conhecimento da natureza humana. Difícil pensar em literatura, cinema ou teatro sem personagens. Para nos aproximarmos das boas realizações, portanto, nós, jornalistas, deveríamos nos misturar com a arte constantemente, nos expor a ela – sobretudo à literatura e suas técnicas narrativas.

## 5 INSTRUMENTOS DE COLETA

### 5.1 *Nos caminhos da entrevista*

Para a realização deste trabalho, calcado na investigação da vida do biografado, foi eleito como principal instrumento de coleta de dados a entrevista em profundidade. Considerando que o personagem em questão está vivo e gozando de plenas condições de relatar sua história, seus pensamentos e posturas, foi preciso utilizar esse método investigativo à exaustão, a partir da própria voz do biografado, isto, é claro, guardados os limites em que as informações não passem a ser redundantes ou que se estabeleça algum tipo de barreira entre entrevistador/entrevistado, que venha comprometer a integridade dos relatos. Da mesma forma, foram ouvidas pessoas que fizeram ou fazem parte de seu convívio, para contextualizar sua história através de olhares de diferentes ângulos, capazes de avaliar a importância histórica do personagem.

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para a descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças, com a entrevista jornalística. (DUARTE; BARROS, 2005, p.64)

Trata-se de um método que preza pelo conteúdo qualitativo e não quantitativo na coleta dos dados. O resultado desejado passa por relatos cobertos de subjetividades tão maiores quanto maior seja o nível de abertura estabelecido ao entrevistado. Assim, cabe a quem realiza a entrevista procurar compreender contextos psicológicos, políticos e afetivos de quem se submete à entrevista, a fim de que possa colher um resultado o mais fiel possível nas respostas. A exposição a equipamentos de gravação, a presença não muito íntima do pesquisador ou mesmo o emaranhado nas redes de relações no universo do entrevistado pode levar a informações falsas ou maquiadas, na tentativa espontânea de evitar se comprometer.

Apesar de fazer amplo uso de procedimentos das tradicionais rotinas jornalísticas, foi importante, neste trabalho, que o pesquisador lançasse mão de técnicas avançadas de pesquisa, elaborando questões que cercam o universo do entrevistado, para colher respostas estratégicas que fossem úteis para dar coerência à história a ser contada, sobretudo devido à necessidade de cruzar dados para produzir o fio narrativo da reportagem. Em nenhuma fase da pesquisa abriu-se mão de procedimentos metodológicos, sob pena de desperdiçar grandes momentos de potencial poder de informação.

A entrevista vista como técnica de pesquisa, entretanto, exige elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos: o marco conceitual no qual se origina, o critério de seleção das fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações são essenciais para dar validade e estabelecer as limitações que os resultados possuirão. (DUARTE; BARROS, 2005, p.64)

Para se contar uma história a partir de diferentes olhares e relatos de pessoas diversas, cada uma com seu particular modo de narrar, é preciso produzir entrevistas estabelecendo uma metodologia que impeça divagações ou redundância nas respostas, o que não seria útil para a construção do produto literário desejado. É imprescindível deixar o entrevistado ao sabor de seu discurso no pleno exercício de sua memória, entretanto, ainda que nem imagine, ele estará sendo conduzido pelo pesquisador, que produziu questões estratégicas, capazes de colher justamente as informações que persegue.

Para atingir o resultado esperado neste trabalho, a metodologia escolhida foi a realização de entrevistas semiabertas, que consistem na formulação de poucas perguntas que foquem nas questões centrais a serem trabalhadas, proporcionando ao pesquisador as condições de abrir o leque de possibilidades nas respostas dos entrevistados, mas estabelecendo limites na formulação narrativa deles, cercando o universo desejado com novas perguntas e fazendo com que a história contada atenda aos interesses da pesquisa. Para isso, o pesquisador precisa construir um roteiro de perguntas, se possível a partir do universo cultural do entrevistado, sua capacidade intelectual e seu perfil narrativo, características essas já previamente conhecidas por indicação de outras fontes, que se fazem necessárias para chegar aos entrevistados como principais fontes da pesquisa. Ou seja, as informações prévias sobre um personagem escolhido para a entrevista são muito importantes para preparar o terreno semântico do pesquisador na busca de seus almejados objetos.

Há ainda flexibilidade para formular as perguntas, uma vez que cada personagem inquirido tem algo diferente a dizer a partir da natureza de seu relacionamento com o personagem central a ser pesquisado. As perguntas subsequentes podem variar de foco ou de tema, inspiradas pelas respostas já colhidas de entrevistados anteriores. Sobre pesquisa semiaberta, explicam Duarte e Barros (2005, p. 66):

As questões, sua ordem de profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade das respostas, das circunstâncias da entrevista (...) O pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador.

A entrevista em profundidade pressupõe grandes desafios ao pesquisador, sobretudo quando o objetivo a ser alcançado é o conteúdo narrativo de uma história. É que a coleta dos dados se dá em caráter altamente subjetivo, exigindo perspicácia de quem conduz a pesquisa, já que os resultados têm que ser compreendidos a partir de filtros relativos à personalidade dos personagens entrevistados, à compreensão de seus códigos de linguagem quando se tratar de pessoas de contexto cultural bem diferente, das condições políticas a que este está submetido no momento da entrevista ou mesmo do seu estado psicológico ante a figura do entrevistador e seus possíveis equipamentos tecnológicos para coleta das informações (gravadores, câmeras, microfones, etc.).

Para perseguir um resultado mais fiel possível, é preciso lançar mão de um olhar atento para o cenário onde se realizam os trabalhos de coleta nas entrevistas. A observação dos trejeitos do entrevistado, seu modo de falar, pausas, gestos e aparente desenvoltura podem trazer mais informações do que suas palavras ou, pelo menos, contextualizar melhor os argumentos pelas entrelinhas de sua narrativa.

Mas não basta a perspicácia do pesquisador para conseguir captar dados confiáveis do entrevistado. O que pode garantir confiabilidade nas respostas é uma boa construção metodológica para a elaboração e a execução das entrevistas a partir de referencial teórico que defina as questões a serem formuladas, os critérios de seleção dos entrevistados e a triangulação dos dados que deem norte na condução dos trabalhos e coerência nos resultados. Ainda segundo Duarte e Barros (2005), são esses os métodos que garantem confiabilidade aos dados coletados:

A confiabilidade diz respeito ao rigor metodológico que garante que, repetidos os procedimentos, os resultados serão os mesmos. Isto exige tanto a confirmação das informações obtidas na pesquisa de campo, quanto a articulação adequada destas informações na descrição, a coerência da análise com o quadro de reflexão proposto e conclusões consistentes com os passos anteriores. A obtenção de confiabilidade é baseada na descrição pormenorizada dos procedimentos de operacionalização das entrevistas e uso fundamentado e consistente das respostas obtidas. (DUARTE; BARROS, 2005, p.68)

## ***5.2 Na busca de outras revelações***

Realizar entrevistas para coletar dados no intuito de produzir uma obra de caráter biográfico não prescinde da utilização de outros instrumentos de coleta. É preciso lançar mão de toda e qualquer fonte documental imagética que traga subsídios para ajudar a montar o

quebra-cabeças de peças históricas, onde estejam estampados registros de fatos, personagens, acontecimentos, celebrações e outras ricas informações que venham ilustrar o que está sendo narrado de forma textual. Para isso, o pesquisador investigou, através dos contatos com agentes históricos encontrados na pesquisa, a existência de fotos, cartazes, documentos cartoriais, escolares, religiosos, etc. Tais documentos forneceram importante recurso iconográfico para fortalecer o conteúdo narrativo do livro.

Apesar da riqueza imagética que pode caber em um produto literário, ativando cenas no universo psicológico do leitor, é importante perceber que o fato de colocar imagens fidedignas da história do personagem pesquisado traz ainda mais precisão e confiabilidade nas informações prestadas no perfil em profundidade. Ademais, tais recursos podem servir ao deleite do leitor, que mergulhará ainda mais no universo do personagem, tendo a rica oportunidade de acessar as imagens, ainda que sem boa resolução, de situações pretéritas que enriquecem o contexto da história a ser contada.

No afã de aprofundar-se nos fatos históricos que ilustrem a vida do personagem estudado, deve o pesquisador esgotar as possibilidades de investigação, sobretudo em coleta de documentos que deem um lastro fiel à sua história. Nesse intento, deve procurar fotos antigas, assim como atuais, do próprio personagem e de pessoas do seu círculo de relações. Também é de grande riqueza histórica conseguir documentos ou fotos de eventos ou lugares que há muito não conservam mais as mesmas características. Coletar essas imagens ajuda a conhecer não só o personagem a ser pesquisado, mas também o contexto histórico no qual ele sedimentou sua personalidade. A observação geográfica e arquitetônica do meio em que viveu também se faz importante para a compreensão de sua história.

## 6 APLICANDO OS MÉTODOS

### 6.1 A coleta de dados

O processo de imersão nos caminhos da pesquisa começou em maio de 2015, quando foi produzido um cronograma de atividades que partiam da busca de informações introdutórias, como conversas com músicos, leitura de recortes de jornais e até contatos iniciais com o maestro, o que já denunciava o envolvimento que o personagem viria a ter com o projeto. Essa breve prospecção de terreno semântico, para os primeiros passos da pesquisa, levou à escolha de personagens para formulação de entrevistas, o que abriria as portas para um universo de acontecimentos históricos que começam na cidade de Santa Luzia dos anos 50, período em que nasceu o maestro, passando pelos acontecimentos que talharam a sua personalidade na infância e adolescência, até chegar em João Pessoa, nos idos dos anos 80, quando iniciou inquieto movimento musical na cidade, a partir da fundação da *big band* Metalúrgica Filipéia.

A primeira entrevista foi realizada com o próprio Chiquito, em 31 de maio de 2015, em sua casa, momento em que já foi percebida a forma como o personagem se relaciona com seus amigos e com a vida. Sendo assim, tornou-se ainda mais imperativa a ideia de ter que visitar sua cidade natal e seus amigos de infância e adolescência que lá permanecem. Mas as observações feitas pelo olho do pesquisador a sua casa e seu jeito de conversar já davam conta de uma aura psicológica que muito dizia sobre aquela pessoa. O que restava era o mergulho profundo na história daquele que, naquele momento, permitia o desvelamento de sua vida em relatos criteriosamente enunciados.

Os passos seguintes foram dados na busca dos personagens escolhidos para contar essa história, além da coleta de documentos fornecidos pelo próprio maestro e outras fontes, inclusive de sua cidade natal. A ida a Santa Luzia foi realizada logo após a entrevista com o maestro, o que já proporcionava um pouco da compreensão da gênese de Chiquito como músico e articulador cultural. Não por coincidência, essa ida se deu em período junino, quando a dinâmica cultural da cidade exaltaria ainda mais a performance cultural do personagem, cunhado a partir de festividades populares da região.

Aplicando o método de observação direta, ficava claro que a presença do pesquisador em Santa Luzia não poderia prescindir da presença do personagem a ser perfilado, pois isso trazia mais possibilidades de perceber sua relação com o ambiente que o formou. E assim

aconteceu, proporcionando com que o músico fosse observado a partir de cenas que denunciavam sua relação com a cidade e seus moradores.

Essa viagem foi realizada no período de 20 a 23 de junho de 2015, permitindo ao pesquisador o acompanhamento da movimentação dos festejos juninos em Santa Luzia, além de uma investigação histórica do lugar a partir de conversas com seus habitantes. Também foi feita grande coleta de imagens fotográficas que, por si só, já traçam um perfil da cidade e seus moradores a partir do seu traçado geográfico. A presença ou não da água, o relevo e o clima são elementos naturais que até contribuem para a definição de traços culturais de uma cidade, resultado de relações de seus moradores em busca de sobrevivência.

De volta a João Pessoa, o método que prevaleceu para a coleta de dados foi a realização de entrevistas em profundidade, a partir de personagens pinçados de vários níveis de relacionamento do maestro, cada um servindo a um propósito, explorando dados históricos específicos que propiciassem a montagem do perfil do personagem que se faz objeto desta pesquisa.

## **6.2 *Quem conta essa história?***

Em primeiro lugar, é importante dizer que toda entrevista realizada foi de caráter presencial, utilizando-se o aplicativo de um *smartphone* como gravador de áudio, gerando arquivos digitais que posteriormente comporiam um banco de dados de relatos orais para a construção de uma narrativa, contando a história do maestro. Uma vez presencial, a captação das informações se dava não apenas através das falas do entrevistado, mas também pelos discursos não orais manifestados por alguns de seus trejeitos, através de seu olhar, seu tom de voz e as falas do corpo, denunciando, dentre outros dados importantes, o seu envolvimento, ou não, com o personagem pesquisado. Sendo assim, o primeiro critério para a escolha do entrevistado consistiu na possibilidade de contato ao vivo com ele, sem a utilização de aparatos tecnológicos de comunicação à distância, como a internet e suas possibilidades de interação.

O segundo passo foi buscar personagens que representassem o máximo possível da rede de relações que deram – ou dão – sustentação emocional e psicológica ao personagem pesquisado, o que naturalmente resultou na pessoa do músico, arranjador, articulador cultural, professor, maestro. Essas escolhas precisavam envolver pessoas do seu vínculo emocional,

familiar, educacional, profissional. A busca desses personagens atendeu a critérios que avaliaram desde a importância histórica de cada um na vida do maestro até a sua proximidade no campo afetivo, educacional ou nas relações de trabalho.

A escolha dos entrevistados estabeleceu o campo espacial da pesquisa, o que se deu nos limites geográficos de João Pessoa e de Santa Luzia, sua cidade natal. Foi, sobretudo, nesses dois universos que o Maestro Chiquito construiu a sua história e desenvolveu seu perfil pessoal e profissional. Sendo assim, a escolha abrangeu os seguintes grupos de personagens:

1) Amigos de infância e outros moradores de Santa Luzia (relatos colhidos naquela cidade);

2) Familiares do maestro, o que levou a entrevistas com a esposa e os filhos (em João Pessoa) e duas de suas tias (em Santa Luzia);

3) Músicos que conviveram com o maestro, sobretudo os que compartilharam espaços na orquestra Metalúrgica Filipéia, priorizando-se ainda os seus fundadores e os que mais tempo permaneceram na *big band*, fornecendo informações importantes sobre o perfil de liderança de Chiquito;

4) Outros personagens que ajudaram a contar a história da cidade de Santa Luzia, todos contemporâneos do maestro, exaltando, sobretudo, as características socioculturais do município em tempos pretéritos.

As informações orais coletadas serviram como subsídio para a construção do discurso narrativo na produção do livro-reportagem, em que prevalece o teor jornalístico, mas que é desenhado a partir de técnicas literárias, perseguindo as características do modelo do *New Journalism*. Alguns relatos foram usados de forma direta, entre aspas, fazendo com que fossem mantidos os trejeitos linguísticos dos personagens, exaltando sua carga cultural e histórica. Este recurso literário é recorrente em trechos da reportagem e traz à tona o nome do entrevistado e seu envolvimento com a história contada. Por vezes, isso acontece com o próprio maestro, pois, desta forma, dá-se ao leitor a possibilidade de conhecer o jeito de se expressar do personagem pesquisado, contribuindo para a montagem do seu perfil no imaginário do leitor.

Ademais, esse recurso também produz mais veracidade à história, considerando que é o próprio personagem quem enuncia os fatos. Mas vale ressaltar que, no produto, prevalece o discurso indireto para contar os fatos, relatando as informações coletadas em terceira pessoa. Desta feita, os personagens entrevistados ficam escondidos por trás de suas próprias falas, contribuindo, mesmo assim, com a riqueza das informações que são minuciosamente

narradas. Por vezes, o recurso do diálogo entre personagens também é utilizado, exaltando, neste caso, a força linguística dos personagens que conversam entre si, desta forma buscando verossimilhança nas cenas narradas por meio do texto.

Percebe-se que o exercício literário foi o grande desafio para a realização deste trabalho, uma vez que, do jornalista, é comum que se exija o domínio da linguagem profissional, o que pode não ocorrer quando este resolve mergulhar no campo da literatura. A aplicação das técnicas literárias e seus fundamentos semióticos exigem uma prática para que o escritor venha a sedimentar seus feitos com maestria, exaltando, através do texto, a construção de imagens, a condensação de conteúdos, a dinamização do processo de leitura e outros recursos no manuseio com as palavras.

Mas, ainda que o jornalista se aventure nesse extraordinário campo de possibilidades nas linguagens textuais, o mais importante é fazer valer as vozes que conduzem a história do personagem perfilado. Em discurso direto ou indireto, com diálogos ou não, são os personagens entrevistados que contam essa história. A interferência do repórter se dá com a checagem das fontes, com as informações adicionais colhidas a partir de documentos físicos e nas percepções extraídas de seu próprio olhar, lançado sobre os fatos relatados e também sobre os ambientes estratégica e curiosamente visitados.

Ainda que não muito recorrente, é possível encontrar no texto algumas cenas narradas que sofreram interferência da imaginação do autor, onde se veem construídos espaços imagéticos não esmiuçados pelos entrevistados, mas que, ao serem retocados pelo escritor, ganham força cênica, sem, entretanto, comprometer o fato histórico narrado. Desta forma, o narrador traz para o campo literário informações que, com certeza, sustentar-se-iam jornalisticamente, mas que não contribuiriam para o seu intento de produzir um produto nos moldes do *New Journalism*.

### **6.3 As escolhas**

Às vésperas dos seus sessenta e dois anos de vida, é claro que o Maestro Chiquito se relacionou com milhares de pessoas. Todas, de alguma forma, contribuíram para sua formação como cidadão e, dessas, centenas foram responsáveis pela construção do músico que se consagrou na cena cultural paraibana. Para chegar ao recorte desejado, era preciso promover escolhas, trazendo para o universo da pesquisa apenas os personagens que

provavelmente mais contribuíram para os rumos que o maestro tomou na sua trajetória artística.

Além dos diferentes níveis de relação que os personagens escolhidos tinham com o maestro, era preciso também que esses se fizessem legítimos representantes testemunhais dos vários projetos e equipamentos culturais que ilustram a sua história de vida. Além disso, era preciso vê-los distribuídos nos diferentes momentos de sua vida, o que possibilitaria a construção cronológica de sua trajetória.

Convém ressaltar que nenhum depoimento colhido deixou de ser cruzado com outros, garantindo a versão mais verossímil possível dos acontecimentos. Se coincidentes, os depoimentos colhidos de pessoas diferentes, em locais e momentos igualmente diferentes, dão maior veracidade aos fatos. Só a verdade, com seus congruentes fios narrativos, é capaz de sustentar uma rede de depoimentos variados sobre um mesmo fato. Assim sendo, foram escolhidos mais de um entrevistado para cada situação da pesquisa. Ainda que as abordagens fossem específicas para cada entrevistado, as perguntas eram estrategicamente dirigidas, conduzindo as respostas para desembocarem em eventos históricos importantes para a compreensão da personalidade do personagem em foco. A coincidência nas histórias contadas é o que dá a certeza de uma história verídica.

#### **6.4 Os entrevistados**

Ao todo, foram feitas vinte entrevistas, obedecendo aos procedimentos metodológicos descritos acima, o que gerou cuidadoso processo de escolha dos personagens para atender aos propósitos de traçar o perfil do músico pesquisado a partir de seu universo cultural.

Convém, assim, saber da importância de cada um e em que contribuíram para o avanço da pesquisa.

##### **6.4.1 Os amigos de infância e outros moradores de Santa Luzia**

Trata-se de personagens que moram na cidade natal do maestro e que foram visitados, *in loco*, para contar histórias em diferentes períodos de sua vida. Esse recorte permitiu montar

o perfil do maestro em seu lado mais telúrico, denunciando seu gosto musical a partir das informações que promoveram a gênese de sua obra e suas posturas diante dela.

Em companhia do maestro, o pesquisador percorreu vários locais da cidade no pretexto de acompanhá-lo nas visitas que fazia a vários amigos em seus “arraiás” domésticos, que são caracterizações que os moradores mais tradicionais fazem em suas próprias residências para festejar o São João. Cercam e enfeitam suas calçadas com motivos juninos para promoverem suas festas particulares, recebendo amigos. Chiquito era bem vindo em todos os “arraiás” e, por isso, fez questão de visitar esses amigáveis espaços. Tais visitas, por si só, tinham forte teor narrativo, pois denunciavam a relação afetiva que o maestro mantinha com sua cidade.

As perguntas, entretanto, eram formuladas a alguns personagens escolhidos, a saber:

- **João Machado (Bêa):** Trata-se de um músico que tocou junto com Chiquito na Banda 23 de Maio, responsável pelo primeiro convite para o jovem músico tocar fora da cidade. Bêa é o protagonista da cena pioneira da vida profissional do maestro.

- **Anselmo Duarte Machado:** Filho de Bêa, é músico e já foi maestro da Banda Duarte Machado. Conhece boa parte da história recente da cidade e da Banda que regeu.

- **Januário Nascimento:** É trombonista profissional. Já tocou na Banda Duarte Machado e foi aluno de Chiquito, no período de 2005 a 2008. Hoje, trabalha voluntariamente como professor junto ao Café Cultural instalado na cidade e mantém viva a banda de música Maestro Chiquito.

- **Júlio Cesar Medeiros:** Ex-aluno de Chiquito, mora na cidade e não trabalha mais como músico. Mostra-se, entretanto, altamente envolvido emocionalmente com a música. Conhece histórias recentes do maestro, sobretudo no período em que ele ocupava a pasta de secretário de Cultura do município.

#### ***6.4.2 Os familiares do maestro***

Foram entrevistados a esposa e seus três filhos, em João Pessoa, e duas de suas tias, em Santa Luzia.

- **A esposa:** Inácia Medeiros Fernandes é, com certeza, uma das figuras mais importantes para a existência do músico Chiquito. A entrevista com ela foi concedida na casa

do maestro, e seu depoimento teve lugar especial na reportagem por representar um personagem peculiar na vida do pesquisado.

- **Os três filhos:** Flávio, Francisco e Fabiane são músicos profissionais que atuam de formas diferentes, mas que seguem o modelo de conduta propagado pelo pai. Os depoimentos dos filhos do maestro demonstram como se dá a relação do patriarca com a família e, sobretudo, como isso fez com que se definissem as trajetórias de cada um. Esses depoimentos são ricos por conterem forte carga emocional.

- **As duas tias:** Luzia é tia legítima de Chiquito por parte de mãe, e Antônia Cristina é prima dela. Ambas moram em Santa Luzia. Os depoimentos das duas, apesar de curtos, foram esclarecedores sobre a primeira infância do maestro.

#### **6.4.3 Músicos que conviveram com o maestro**

Em relação aos integrantes da Metalúrgica Filipéia, são músicos que atuaram ou atuam na *big band* fundada pelo maestro em 1984 e que responsabilizam o Maestro Chiquito por sua formação. Pela longa convivência, são capazes de revelar importantes características da personalidade de seu professor, como sua performance didática, seu espírito de liderança, seu temperamento. São eles:

- **Heleno Feitosa Costa Filho (Costinha):** Professor de sax e fagote do Departamento de Música (Demus) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

- **José de Arimatéia Formiga Veríssimo (Teinha):** Professor de sax do Demus/UFPB.

- **Sérgio Ribeiro da Silva (Sérgio Galo):** Produtor cultural, dono de estúdio de gravação, arranjador e baixista profissional independente.

- **Marcelo Cavalcante Macedo:** Guitarrista, produtor cultural e dono do estúdio de gravação Peixe-Boi.

- **Marcelo Araújo Vilô:** Saxofonista, arranjador.

- **Leonardo Meira Dantas (Leo Meira):** Diretor musical, arranjador, produtor musical, guitarrista e professor do Demus/UFPB.

Já em relação a integrantes de projetos culturais compartilhados com Chiquito, foi entrevistado o professor Vicente Nóbrega, fundador do projeto cultural “Um Toque de Vida”,

que atua na formação de jovens músicos e que teve o Maestro Chiquito como parceiro. O depoimento desse professor, que também é natural de Santa Luzia, ajudou a ilustrar o compromisso do maestro no processo educacional no campo da música, além de contribuir com relatos sobre a sua cidade.

#### ***6.4.4 Outros personagens que ajudaram a contar a história da cidade de Santa Luzia***

São contemporâneos do maestro, capazes de narrar as características socioculturais do município de Santa Luzia em tempos pretéritos. Neste intento, foram entrevistados:

- **Carmélio Reynaldo:** É professor de jornalismo do Departamento de Comunicação Social e Turismo da UFPB. Também contemporâneo do Maestro Chiquito, contribuiu significativamente para retratar cenas da cidade de Santa Luzia nos anos 50, 60 e 70. Além disso, dividiu com Chiquito a condução de alguns projetos culturais, como a produção de CDs paraibanos e a fundação do Café Cultural na sua cidade natal, no período em que o maestro esteve à frente da Secretaria de Cultura de Santa Luzia.

- **Lúcia de Fátima Muniz (Lúcia Gavião):** Conviveu com Chiquito nos anos 70, o que permitiu conhecer alguns fatos desse período.

## 7 O PRODUTO

O livro-reportagem em questão, o qual tem por objetivo traçar o perfil do Maestro Chiquito a partir de falas diversas, é composto por capítulos que destacam diferentes focos observados na história do personagem pesquisado. Essa composição por capítulos permite que o leitor tenha mais capacidade de organizar as informações no ato da leitura, tanto do ponto de vista de conteúdo quanto cronológico. Há também vários aspectos que contribuem para a compreensão da importância do maestro no meio cultural da Paraíba e que são flagrantes na sua vida pelo viés de sua personalidade, seu compromisso com o trabalho, com os outros músicos e sua formação cultural e educacional.

Os capítulos do livro procuram narrar as experiências culturais e políticas do maestro, que resultaram em processo histórico transformador. Convém ressaltar, entretanto, que, no afã de contar esses relevantes fatos, não é desprezado o viés emocional exalado na fala dos atores envolvidos na história, sem que este aspecto passional interfira ou adense um juízo de valor alegórico ao conteúdo histórico narrado. Ainda que toda história contada traga a representação simbólica de quem a conta, o objetivo de demonstrar o envolvimento emocional dos entrevistados é apenas de exaltar o quanto essas pessoas se sentem contempladas pelas ações culturais, políticas e educacionais de Chiquito.

Os capítulos buscam contar, em detalhes, as ações do maestro em alguns aspectos pedagógicos, familiares e políticos. Eis alguns destaques:

- ***Chiquito, Santa Luzia e seu momento histórico:*** Para compreender a força do local onde nasceu o personagem perfilado, foi preciso buscar dados históricos dos anos 50, tanto no panorama cultural da cidade de Santa Luzia como na cena brasileira. Que ventos do cotidiano sopraram a infância daquele menino que rondava as ruas de sua cidade? Que músicas ouvia no rádio? Que aspectos políticos e sociais conduziam as possíveis relações dos moradores à época?

Os capítulos que tratam desse assunto não estão na narrativa literária que conta a história do maestro. São preâmbulos que servem para definir o tempo e o espaço onde a história é contada, o terreno semântico para o mergulho do leitor.

- ***A gênese do maestro:*** São muitas as histórias da infância desse personagem que mostram com que barro foi moldado o músico já desde os primeiros dias de sua existência.

Sua relação com a família, sua condição social e o cenário político-cultural da época são fatores imprescindíveis para a compreensão da personalidade do Chiquito que viria a protagonizar tantos processos culturais em sua vida adulta. É a partir daí que começa a narrativa do livro em seu aspecto literário.

- ***Chiquito e sua criação:*** O objetivo desse capítulo é comentar sobre a natureza dos arranjos musicais do Maestro Chiquito, a partir dos depoimentos dos próprios músicos entrevistados. Há uma singularidade na sua produção criativa. É importante deixar claro que o objetivo não é fazer uma análise musicológica da obra do maestro, que também é exímio arranjador. O que se pretende é mostrar os aspectos culturais que definiram a sua criação, dos recantos de Santa Luzia às influências da cultura americana, colhida das *big bands*.

Esse capítulo é para os leitores músicos perceberem a importância de entender o reconhecimento que o artista precisa dar às suas experiências vividas desde a infância, deixando-as permear sua obra e, desta forma, divulgar e fortalecer os códigos culturais de sua região, sobretudo se tal obra viera ter alcance universal. E esse é o legado dos ensinamentos do Maestro Chiquito.

- ***Uma pedagogia dentro de casa:*** Conta a relação de Chiquito com os filhos, que se tornaram músicos profissionais pela influência do pai. São histórias narradas pelos seus três filhos e que deixam claro como se deu o ensinamento musical dentro de casa, a partir de ações espontâneas que obedeciam ao modelo de relacionamento adotado naquela família de estrutura patriarcal, mas com amplo toque de afeto.

- ***O Chiquito político:*** Trata sobre a participação de Chiquito em ações políticas no campo da cultura, como é o caso de sua atuação como secretário de Cultura de Santa Luzia, entre os anos de 2005 e 2008, sua participação como coordenador e arranjador na *big band* Toque de Vida, que tem atuação na formação musical de jovens e adolescentes em João Pessoa. Muitas histórias denunciam a turbulenta relação do maestro com o poder público.

- ***Depoimentos:*** O último capítulo do livro contém breves relatos dos personagens entrevistados, como se fossem uma síntese de sua visão sobre o maestro. Em poucas palavras, falam o que consideram mais marcante nas suas impressões sobre ele. Alguns desses depoimentos foram colhidos de uma pergunta específica e planejada na entrevista: “Quem é Chiquito?”. A resposta era pontual e estritamente pessoal. Como havia respostas comuns a

esta pergunta, algumas citações do capítulo foram, portanto, pinçadas de trechos da fala do entrevistado e que apontam para aspectos importantes sobre o maestro. O objetivo é que, ao passar a vista nesse capítulo de desfecho do livro, o leitor já tenha uma breve impressão de quem o livro trata.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo fordista adotado para o processo de produção da notícia, sobretudo no meio impresso, tolhe consideravelmente a criatividade do jornalista, que se vê bitolado pela supressão do tempo para aprofundar suas análises sobre os fatos, averiguar fontes e estender possibilidades de desdobramentos úteis para contribuir com o aprimoramento crítico do leitor. O resultado dessa realidade é um produto jornalístico pasteurizado, raso, servindo apenas como reproduzidor de fatos, sem que gere oportunidades para pensamentos transformadores. Assim, a função social do jornalismo se vê atacada por não movimentar ideias, e o jornalista se ressentido em se ver reduzido a mero repassador de informações, vendo aí suprimida a sua capacidade intelectual, assim como amarrada a sua verve literária. O texto formatado dos manuais de jornalismo reduz o profissional a um mero operário da informação, sem perspectiva de ver o seu produto brilhar em vitrines para leitores de qualidade, sedentos de informação e conhecimento.

O livro-reportagem acaba por se tornar um excelente caminho para quem deseja praticar o jornalismo de qualidade, dando oportunidade de exercitar seu tino investigativo, ao mesmo tempo em que permite soltar as amarras do texto para um exercício literário que pode, inclusive, alimentar o mercado editorial. Convém ressaltar que grandes obras literárias nasceram de trabalhos jornalísticos, como é o caso de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ou outros lançamentos que se tornaram *best-sellers* no mercado editorial internacional, a partir do *New Journalism*, um modelo de jornalismo propagado nos anos 60 nos Estados Unidos, tendo, como expoentes do gênero os jornalistas Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote.

Uma vez ligado ao universo cultural paraibano como músico e produtor cultural, o autor deste trabalho – que consiste na produção de um livro-reportagem como produto final do mestrado profissional em Jornalismo, pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB – dirige suas pesquisas para produzir um perfil em profundidade sobre o músico, arranjador e maestro Francisco Fernandes Filho, conhecido publicamente como Maestro Chiquito. Ciente dos desafios inerentes a essa empreitada, o mestrando alia os estudos sobre jornalismo cultural e literário para viabilizar a realização do seu produto.

A escolha do personagem a ser biografado bem justifica os propósitos de aliar os interesses jornalísticos aos literários, uma vez que se trata de um artista que sempre prestou grande contribuição à cena cultural brasileira, em particular à paraibana, mas que permanece em relativa condição de ostracismo. Assim sendo, percebe-se que a vida do Maestro Chiquito

é uma excelente história a ser contada, que certamente não se resolveria em uma reportagem de jornal. Vida e obra desse artista se fazem paradigma, não apenas para aqueles que o conhecem, mas, sobretudo, para os que nunca tiveram oportunidade de conhecê-lo.

Por fim, o principal instrumento de coleta escolhido para a realização deste trabalho é a entrevista em profundidade, amplamente utilizada não só para obter informações do personagem pesquisado, mas para tantos outros que contam situações de convivência e de cenas testemunhadas junto ao Maestro Chiquito, o que faz com que a sua história seja contada a partir da montagem dessas peças históricas, cruzando dados, fatos e opiniões. A investigação documental, também adotada através da coleta de documentos, fotos e outras peças ilustrativas do livro, completam a coerência dos fatos relatados e ainda proporcionam prazer ao leitor, sedento de uma boa história de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, Eduardo. *Livro-reportagem*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Maceió: Ed.Ufal, 2013.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

NASCIMENTO, Edônio Alves. *As ligações perigosas: relações entre literatura e jornalismo na década de 70 no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

PIZA, Daniel. *Perfis e entrevistas: escritores, artistas, cientistas*. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVEIRA, Joel. *A milésima segunda noite da Avenida Paulista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILAS BOAS, Sérgio. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.

WEINGARTEN, Marc. *A turma que não escrevia direito*. Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2010.

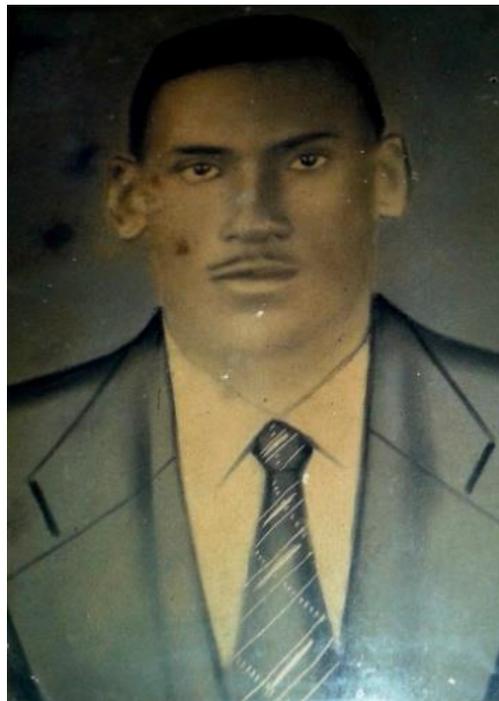
WOLFE, Tom. *Radical chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Fotos ilustrativas



Santa Luzia, a Ilha do Sertão, em foto histórica que mostra os açudes cheios



Francisco Fernandes da Silva, o Pixico  
Esta é a única imagem que Chiquito tem do pai,  
um retrato pintado que guarda até hoje



A casa onde Chiquito viveu na infância, na Travessa do Azevedo, nº 81 – antigo Beco do Inferno



Local onde funcionou o Clube 1º de Julho, também conhecido popularmente como Clube de Nós, ou ainda Clube dos Pretos



Antigo Clube Yayu, ou Clube dos Brancos, como era conhecido



Colégio Estadual onde Chiquito cursou o segundo grau



A Banda 23 de Maio, nos anos 70  
À frente, está o maestro Ernani da Veiga Pessoa;  
atrás dele, vemos Chiquito, e, à sua esquerda, João Machado (Bêa)



Banda Côro Curtido, nos anos 70



Foto da Metalúrgica Filipéia, quando completava seis anos de fundação



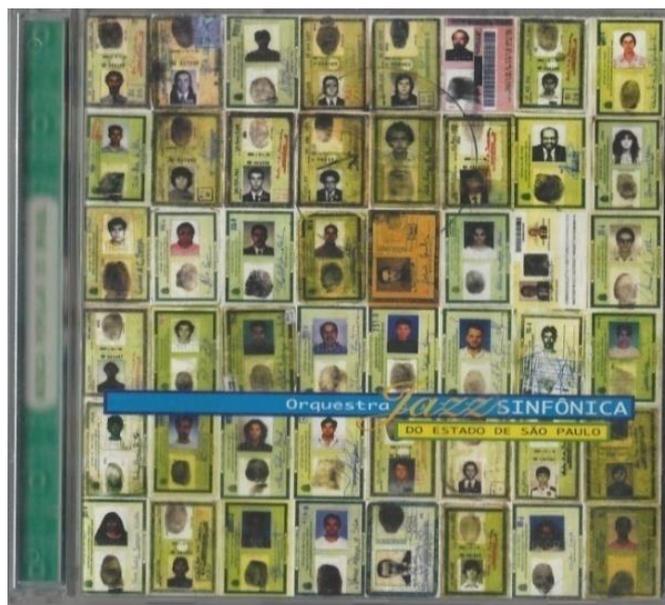
Participação de Chiquito no show do grupo Limusine 58



Primeiro vinil da Metalúrgica Filipêia



Projeto Malagueta, produzido pelo Sesc, em 2000  
No elenco, Sérgio Túlio, Dida Fialho, Pedro Osmar,  
Oliveira de Panelas, Chiquito e Cátia de França



CD da Orquestra Jazz Sinfônica, de São Paulo, que tem uma música composta pelo maestro Nelson Ayres para o Maestro Chiquito



CD da Orquestra Jazz Sinfônica. Vê-se, na última faixa, a música “Chiquito no Frevo”, composta pelo maestro Nelson Ayres em homenagem a Chiquito



Boternay, time em que Chiquito jogou como goleiro  
 Na foto, vemos, da esquerda para a direita:  
 Em pé: Dedin de Anísio, Antoin Peba, Moacir de Mané de Quintino,  
 Bideco, Rui Morais, Chiquito e Joãozinho de João Mané  
 Agachados: Edilson, Tita, Flávio de Geraldo Marinho (mascote),  
 Nêgo Donizete de Zé de Agostinho, Dudé de Zé de Joca,  
 Mirabeau de Mané de Quintino e Adé de Zé Ruge

1: TROMPETE *Eu sei que vou te amar* ARRANJO Chiquito  
 TOM JOBIM / VINÍCIUS DE MORAES

João Pessoa,  
 16/08/52  
 Chiquito

“Eu Sei que Vou Te Amar” (Tom Jobim/Vinícius de Moraes)  
 Manuscrito de Chiquito sobre um arranjo seu

2<sup>o</sup> TROMPETE *Viagem de Matuto*  
 CHIQUITO / GEBER

SORD. STRAIGHT

1 Solo 1<sup>o</sup> (A) CIRANDA 2 3 4

(B) Baíão LEVANTA SORD.

(C) Coboclinho

(a) ABRE (b) (c) (d)

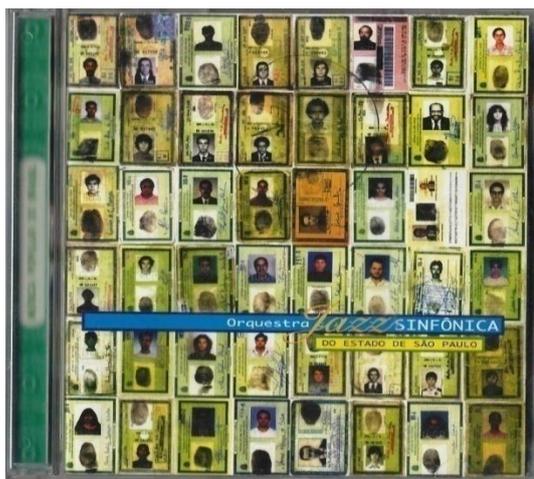
(D) Maracatu d=1 SORD.

(E) FREVO TOCA EM PE

ORQUESTRA  
 Metatrúgica  
 Filarmônica  
 Mil. Bras. de Cultura

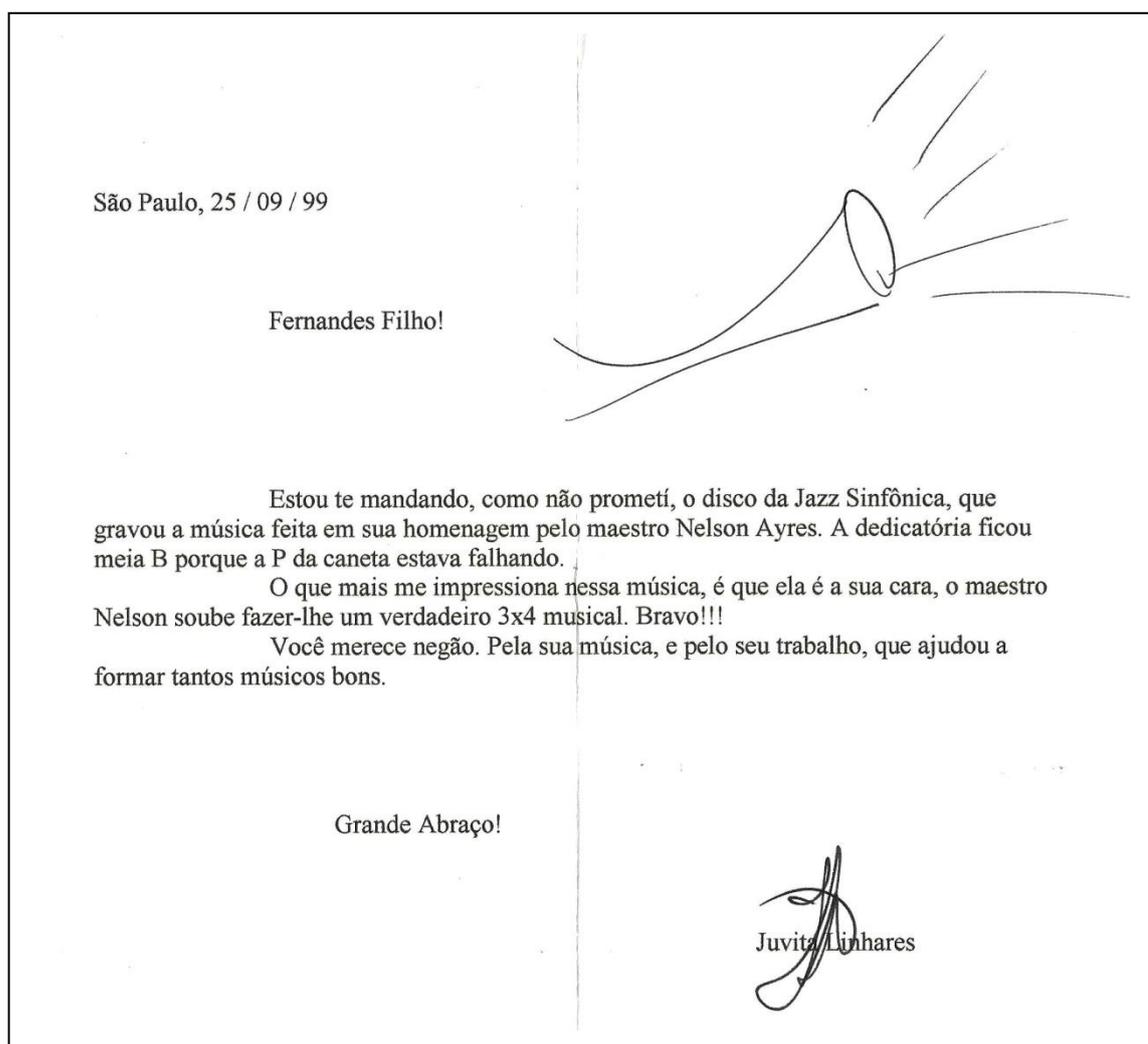
28/02/92  
 Chiquito

Partitura escrita à mão por Chiquito  
 Vê-se o capricho de sua letra em seus manuscritos  
 Esta é a partitura de uma música composta em parceria  
 com o músico e compositor Geber Ramalho



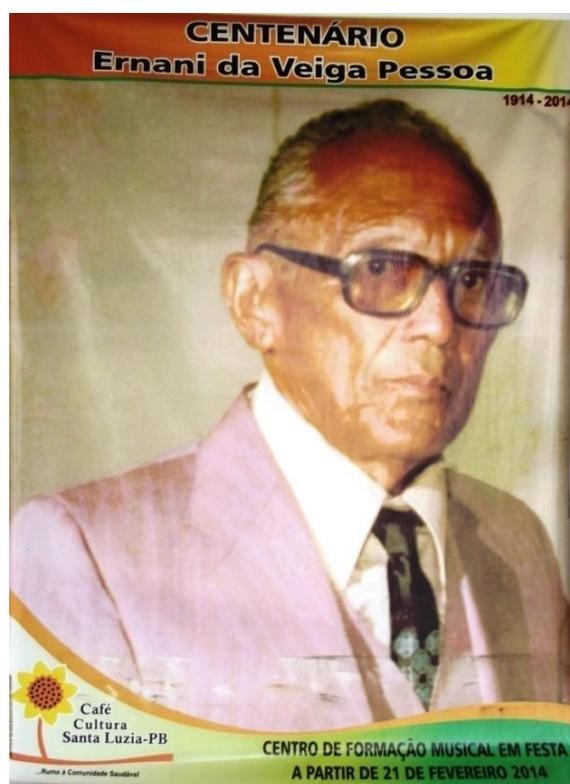
O CD da Jazz Sinfônica, que contém um frevo composto pelo seu maestro Nelson Ayres em homenagem a Chiquito

Abaixo, o bilhete destinado a Chiquito pelo músico João Linhares, enviando o CD que continha a homenagem ao maestro amigo. João Linhares assina o bilhete com uma alcunha de tratamento íntimo e exclusivo entre ele e o companheiro de música



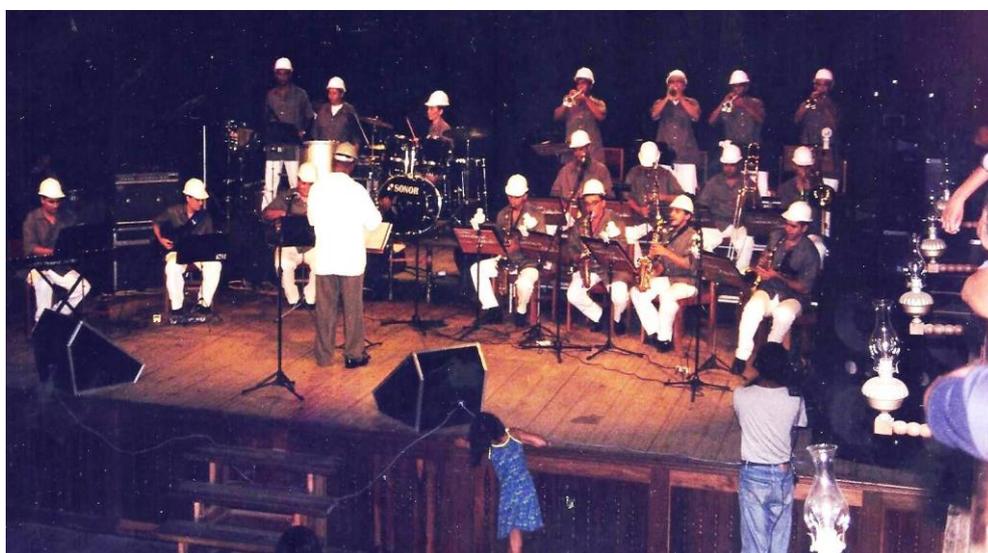


A sede do Café Cultura, sede da banda Maestro Chiquito e do projeto Respir'Artes, onde funciona o Centro de Formação Musical Ernani da Veiga Pessoa





A Metalúrgica Filipéia em show no Sesc Centro, em João Pessoa, no ano de 1985



A Metalúrgica Filipéia em apresentação no Teatro Santa Roza, usando seu fardamento oficial, que inclui um capacete, fazendo alusão a trabalhadores metalúrgicos



A Metalúrgica Filipéia participando da gravação do último CD de Sivuca, no Teatro Paulo Pontes, em João Pessoa